



# ORA!

viraminas



## O Buracão é nosso



Conheça o  
tradicional  
campo do  
Triângulo,  
onde são  
disputadas as  
peladas mais  
quentes da  
cidade

PÁGINA 7



ZEQUINHA FARTURA 17

ENTREVISTA DA EDIÇÃO (PÁG. 12)  
Tico-tico e as histórias da  
banda centenária que  
animava até velório

CAPELA DE BAMBU 19

CHICO CICA 22



**museu da  
oralidade  
.org.br**

CORTEJO DE REINADO DO 44º FESTIVAL DE INVERNO  
DA UFMG - DIAMANTINA (MG) - JULHO DE 2012

# Não tiremos as crianças da rua

*Em época de eleição, discussões acaloradas se misturam a demagogias, promessas repetitivas e discursos rasos, visivelmente carentes de alguma ideologia que se preze. Quando o tema da juventude entra em debate, ganha as vozes dos candidatos a tese de que é preciso tirar as crianças da rua. O motivo: afastá-las das más influências, tirá-las do contato com as drogas. A rua, o mais acessível e elementar de todos os espaços públicos, seria um antro da perversão, do desaprendizado dos bons hábitos e costumes que tanto nos esforçamos para preservar dentro de casa.*

*Esta edição de Ora! traz uma reportagem que mostra o quanto espaços públicos são, também, locais de integração entre crianças e adultos, de formação de caráter e de diversão sadia. Num inusitado campo de futebol de três lados, incrustado numa área de manobra de locomotivas da antiga Rede Ferroviária Federal, centenas de crianças, adolescentes e adultos jogaram desprentensiosas peladas, formaram times, disputaram campeonatos e, principalmente, reuniram muita história, muito caso bom de contar.*

*A história do campo do Buracão, no bairro Triângulo, reúne crianças derrubando eucaliptos para poder jogar bola, um goleiro manco de uma perna, um sapateiro que consertava chuteiras de graça para a molecada e tantos outros detalhes que só a memória de um espaço público poderia guardar, dada a liberdade e a paixão com que todos se apropriaram dele.*

*Vários outras ruas, praças, rios e campos tem memórias tão significativas quanto a do Buracão. Em tempos de eleição, o debate deve se centrar no que é melhor: preservar os espaços públicos como lugares ricos de cultura e lazer ou privar as crianças e adolescentes do convívio saudável de que tantos tem saudade.*

# PITACOS

## COMENTÁRIOS DOS LEITORES QUE CHEGARAM À REDAÇÃO DE ORA!

Isaac Boczar contou sua história em entrevista à edição #1 de Ora!

*Encantei-me com essa entrevista tão significativa para nós, descendentes de pessoas tão fortes, inteligentes e dignas. Como diz Marcinha, hoje o perdemos Tio Isaac, mas no coração, continua vivo como sempre.*

Lea Boczar

*Fiquei surpreso com esta narrativa sobre a revolução de 30 em Três Corações. Sou bisneto do Marechal Paquet e tenho guardado comigo um trabalho detalhado, incluindo exemplar do jornal O Globo de 1930 com as notícias dos atos de heroísmo do Major Paquet. O que me surpreendeu foi este fato que o sr. relatou, que muito me orgulha por confirmar o caráter e o espírito humanista de um militar que honrou a sua farda e seus ideais por toda a sua vida. Este fato ocorrido com o seu pai não consta dos registros oficiais e por isso tem um valor inestimável para a nossa família.*

Eduardo Paquet

Envie seu pitaco para [ora@viraminas.org.br](mailto:ora@viraminas.org.br).

**Ora!** é uma publicação do Ponto de Cultura Museu da Oralidade. **Realização** Viraminas Associação Cultural.

**Endereço** Rua Padre José Bueno, 170, Centro, Três Corações (MG). **Telefone** (35) 3231-2690.

**Presidente** Bianca Bertamini Gomes. **Tesoureira** Mônica Ferreira Furtado. **Secretário** Luis Felipe Branquinho Vargas. **Jornalista responsável** Paulo Morais (MTb 07996MG). **Projeto gráfico e editorial** Kutuco Editora e Produtora Cultural. **Apuração e redação** Paulo Morais, Alaine Gláucia, Andressa Gonçalves, Álvaro Jatobá e Bianca Bertamini. **Revisão** Andressa Gonçalves e Danielle Terra. **Fotos:** Paulo Morais. **Impressão** Gráfica Rodrigues. Toda a revista é orgulhosamente elaborada em software livre. A distribuição da **Ora!** é gratuita.

**Onde encontrar:** Museu da Oralidade, Casa da Cultura Godofredo Rangel, Biblioteca Pública de Três Corações, Espaço Cultural Sinhá Prado (Cambuquira).



Cultura



Ministério da Cultura



O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido para fins não-comerciais, desde que citada a fonte.



## ORA! INDICA

### **OS SONHOS NÃO ENVELHECEM, DE MÁRCIO BORGES**

Romance de geração, memórias de um Brasil conturbado e trágico, mas culturalmente rico? Autobiografia política e artística de um grupo - os músicos mineiros que romperam as fronteiras com sua arte universal? Biografia não-autorizada de Milton Nascimento, um dos maiores músicos do mundo? É difícil classificar este livro, do qual Milton Nascimento é o personagem central. Como num filme delicado e arrebatador, o poeta e publicitário Márcio Borges, primeiro parceiro de Milton, reconstrói com paixão a história do país nos últimos 30 anos, a partir das lembranças dos meninos que um dia se encantaram com a música. Comovente, sensível, capaz de fazer vibrar e chorar, Márcio Borges nos surpreende com um livro encantador.

### **O ÚLTIMO DA TRIBO, DE MONTE REEL**

Quem disse que o genocídio das tribos indígenas é coisa da época do descobrimento? Este livro-reportagem do americano Monte Reel traça as aventuras de um grupo da Fundação Nacional do Índio (Funai) no primeiro contato do homem branco com algumas etnias completamente isoladas de remotas regiões do extremo noroeste brasileiro. Numa dessas investidas floresta adentro, descobre-se um único índio isolado, cuja existência era negada por fazendeiros ávidos em desmatar a área para ampliar a produção de alimentos. *O último da tribo* traz também retratos cruéis de desrespeito aos direitos humanos em

reservas indígenas, incluindo o assassinato de tribos inteiras por agricultores e aventureiros da região.

## **INSPIRAÇÃO NORDESTINA, DE PATATIVA DO ASSARÉ**

O livro é uma reunião da obra poética de Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), o Patativa do Assaré, poeta cearense, cuja obra é totalmente voltada à cultura popular nordestina em suas formas e temas. Cego de

um olho por conta de uma doença, Patativa ganhou o nome da ave cujo canto se comparou à poesia que escrevia. A transcrição da poética de Patativa retira um pouco da expressividade do autor, uma vez que a complexidade da obra estava no improviso, na gestualidade e na ironia, somente possíveis por meio da transmissão oral. Algumas de suas obras são encontradas também em discos. Patativa do Assaré é doutor *honoris causa* em diversas universidades brasileiras e referência para cordelistas e repentistas contemporâneos.



## **MIOJO INDIE**

### **MIOJO INDIE**

Resenhas, os últimos vazamentos do mundo da música, discografias comentadas, matérias especiais, clipes, shows e uma porção de novidades que fazem parte do cenário independente mundial, tudo isso você encontra no Miojo Indie. O blog fica no endereço [miojoindie.com](http://miojoindie.com). 🎧

Todos os livros indicados nesta coluna são encontrados na Biblioteca de Todo Mundo (rua Padre José Bueno, 170, Centro, Três Corações)

**6 ORA!**



O campo do bairro Triângulo: como sugere o nome, ali não existem as quatro linhas

## MATÉRIA DE CAPA - BURACÃO

# Celeiro de craques e caneleiros

**P**ode ter certeza: você nunca vai ligar a televisão numa quarta-feira à noite e ouvir um jogador de primeira divisão dizer, entre uma e outra frase feita do vocabulário futebolístico, que o time deu o máximo de si dentro das três linhas para sair com a vitória. A definição do campo retangular, com duas linhas laterais e duas linhas de fundo, é tão antiga quanto o próprio futebol. E todos nós bem sabemos que o futebol, elevado em solo tupiniquim à destacada categoria de arte, é umas das mais bem sucedidas expressões da criatividade brasileira. Vem dessa inventividade verde e amarela a capacidade de driblar tudo quanto é obstáculo para praticar o esporte em qualquer lugar onde seja possível atravessar uma bola por dois tijolos, duas pedras, duas camisas ou, em casos mais raros, três traves. Vale tudo para jogar uma pelada, até mesmo inventar um campo de três lados.

A inusitada geometria futebolística do campo de três lados pode ser encontrada numa região histórica de Três Corações, no bairro conhecido como Triângulo. No local, fica um entroncamento da antiga Rede Ferroviária Federal, onde três trilhos formam a figura geométrica que dá nome à comunidade. É justamente no meio desse

trevo que se instalou o campo de peladas conhecido popularmente como Buracão. “Quando eu vim pra cá, já tinha o triângulo. Ali era um buraquinho. À tarde, a turma fervia (no futebol), inclusive eu ‘tava lá no meio. Era dez, 12 garotos, aí foi aumentando”, lembra Argemiro Pereira do Rosário, que veio de Machado com os pais e se instalou no bairro ainda moleque.

O espaço do Buracão, ocupado diariamente pelas crianças da vizinhança, fica entre dois patrimônios históricos da cidade: a caixa d’água e a ponte de ferro, ambos construídos pela Rede Ferroviária, cuja estação tinha se instalado em 1884. Quando Argemiro deu os primeiros chutes, na década de 1940, o triângulo já existia, mas o Buracão ainda não era um campo tão bom quanto hoje. “Ali era plantação de eucalipto, tinha muita árvore grande. Então a gente juntava de tarde e ia cortando uma árvore daquela com facão, machado, o que tivesse. Botava fogo no tronco, ia queimando e a gente ia limpando”, lembra. Não raro, um zagueiro mais enfezado costumava isolar a bola em direção aos trilhos, acertando em cheio alguma locomotiva que manobrava por ali. Tantas outras vezes, para evitar exaltados xingamentos maternos, os moleques aproveitavam a passagem do trem para pegar uma carona clandestina de volta para casa, logo antes do escurecer.

A manutenção do gramado ficava sempre às custas dos próprios jogadores, que contavam com a ajuda de alguns visitantes. “Tinha cabrito, carneiro, que alguém punha lá e eles até ajudavam um pouco a limpar. A turma cuidava do campo, arrancava mato. Pusemos trave de bambu, depois pusemos de madeira, e hoje tem as traves de ferro. E quem chegava, jogava”, conta Argemiro. Se não tinham roupeiro, técnico, fisioterapeuta ou outras regalias típicas do futebol profissional, pelo menos os peladeiros do Buracão tinham um sapateiro exclusivo, que se prestava ao serviço de consertar bolas e chuteiras. “O José Sapateiro tinha uma sapataria onde hoje é uma padaria, bem em frente ao buracão. Ele consertava nossas bolas, arrumava nossas chuteiras, dava assistência em tudo. A bola era de couro, costurada a mão, pesada. Dia de chuva



## Argemiro: lembrança dos tempos de Cruzeiro

aquilo pesava três quilos, mas a turma ia moendo lá”, recorda Argemiro.

### **RIVALIDADE**

Aos poucos, as peladas foram ganhando mais participantes e os campeonatos do Buracão foram surgindo. “Nós fazíamos a rua de cima contra a rua de baixo, rua 51 contra rua Santos Dumont, a avenida 1º de Maio contra a rua 21”, conta Geraldo Messias Rosa, o popular Tininho. “Eu era reserva, eles me deixavam sempre por último. Mas depois que eu fazia gol, eles perguntavam porque não tinham me chamado”, esnoba, lembrando que era também o principal animador da torcida. Os batuques da beira do campo eram comandados por ele, que de vez em quando largava os instrumentos na mão de qualquer um para ajudar a equipe da rua. “Quando eu entrava para jogar, a turma toda incentivava: ‘Tininho, Tininho!’”, diverte-se. Mas nem



No alto, Tininho, animador da torcida e eterno reserva. Logo acima, José Vítor, que garante: "aqui também tinha craques".

tudo era só paz e diversão dentro das três linhas. De vez em quando o tempo fechava e de uma dividida mais ríspida virava uma briga generalizada. "Joguei aqui a vida inteira, tenho 53 anos. Aqui teve muitas brigas, o povo brigava quando o time levava cacetada", admite o ex-zagueiro José Vítor Dias, até hoje morador do Triângulo.

Caneladas e pontapés à parte, o campo também tinha seus craques. "Teve uns que jogaram profissionalmente. O Carula, que jogou no Fortaleza, o Tita", lembra José Vítor. "Somos cinco irmãos, todos jogaram lá. Meu pai acompanhava e chegou a jogar no profissional, no Atlético Tricordiano", conta Advaldo, filho de Argemiro. "Ali saiu muito jogador bom. O Mauro Duarte era manco de uma perna, mas era bom goleiro", conta Argemiro.

Lá pelos idos da década de 1960, as peladas por si só já não satisfaziam a comunidade. Começaram a circular pela

**10 ORA!**



Estante de troféus do Cruzeiro de Argemiro guarda várias recordações. Hoje, Buracão ainda é diversão de crianças e adolescentes

vizinhança as conversas sobre os campeonatos de futebol amador. O rebuliço levou as lideranças do Buracão a se mobilizarem para criar os times. Surgiu, então, a grande rivalidade do Triângulo: de um lado, o Sete de Setembro, comandado por Mauro Duarte, e, do outro, o Cruzeiro, treinado e dirigido por Argemiro, que também jogou no próprio clube. O nome, assim como as cores e o escudo, foi inspirado no xará belo-horizonte, time do qual o presidente-técnico-jogador é simpatizante. “Eu fui reunindo o pessoal e foi uma briga. Eu queria aquele jogador, o Mauro queria aquele outro jogador. Nós fizemos uma rivalidade terrível entre Cruzeiro e Sete de Setembro. E enfrentamos o campeonato da cidade. Era uma alegria. Foi um dos melhores clássicos que tinha aqui na região. Tinha Mangels, Nestlé, mas o que contava mesmo era Cruzeiro e Sete de Setembro”, explica Argemiro. 🗣️

## PERFIL EDGAR XAVIER ARCHANJO

# "Meu avô arrumou as trouxinhas e veio"



*A Banda Rioverdense, fundada por Álvaro Archanjo Ataíde, passa conhecimento musical a várias gerações há mais de um século. Coordenada há quase 40 anos por Edgar Xavier Archanjo, neto do primeiro maestro, conta que hoje enfrenta dificuldades como o desinteresse dos alunos e a falta de apoio. Segundo o entrevistado, as pessoas não buscam mais o conhecimento musical teórico. “Hoje todo mundo quer aprender violão, mas o violão que eu ensino é para o músico. O pessoal não quer, eles querem pegar e tocar. Eu ensino a leitura*

**12 ORA!**

*das notas musicais”, afirma. Nesta entrevista, Edgar Archanjo, conhecido como Tico-tico, conta como foi o início desta trajetória musical iniciada pela sua família.*

Quando a Banda Rioverdense foi fundada? O jornalista Darcy Brasil escreveu um artigo dizendo que a banda foi fundada em 1860. Meu avô, José Archanjo, foi o primeiro maestro. Ele e minha avó Cândida das Neves cantavam nos corais da cidade de Campanha na Semana Santa.

O meu avô era carpinteiro e tinha o apelido de seu Zeca. Como lá em Campanha não tinha muito serviço de carapina, ele conversou com a Candinha e resolveu vir pra Três Corações. Ele veio a cavalo. Chegando aqui, foi em um boteco, encostou o cavalo, que nem um faroeste, e foi amarrando o animal. Procurou saber como que chamava o padre, o vigário e foi na casa paroquial. Lá se apresentou ao padre Zequinha, e, como o padre tinha serviço, pediu para que o seu Zeca voltasse mais tarde.

No outro dia o padre o recebeu e começaram a conversar. Ele contou que era músico e carpinteiro e que lá em Campanha tinha pouco serviço e que ele queria mudar pra cá. Aí meu avô sugeriu que eles entrassem em um acordo e arrumasse uma banda de música, que ele arrumava um serviço por aqui e ficava na cidade. Aí o padre pensou, pensou e disse que topava a parada.

Então meu avô foi em Campanha, arrumou as trouxinhas dele e veio pra cá. Ele se instalou na Rua das Dores, antiga Biquinha, e começou os trabalhos de ensino musical.

Na época em que seu pai era maestro da Banda, quais eram as datas em que mais se faziam apresentações?

Toda festa de Igreja que tinha a banda tocava. Se tinha algum enterro, a banda era chamada e tocava. Quando tinha um jogo de futebol, a banda era chamada. A banda participava de tudo que tinha. Isto foi por volta de 1860, 70, 80. Depois o tempo foi passando, foi melhorando, a banda foi crescendo, houve mais interesse do pessoal que até então duvidava. Aqueles músicos que começaram, ficaram velhos e logicamente morreram. Então outros integrantes foram entrando e fazendo mesmo

serviço, e foi tomando uma proporção muito bonita da cidade porque a nossa banda é uma das mais antigas do Brasil. São cerca de 132 anos de luta, que não foi fácil porque não houve apoio necessário.

Como o senhor se tornou músico e quando assumiu a banda?

Eu assumi aqui quando eu tinha 39 anos, porque meu pai ficou doente e meus três irmãos eram músicos militares, dois do exército e um da aeronáutica. O estudo da música eu aprendi com meu pai e sozinho, porque meu pai era muito bravo e tomava o exercício de mim e, quando eu não sabia, acabava apanhando. Mas depois aos poucos eu fui conscientizando e aprendi a tocar o teclado, acordeon, percussão, bateria, mas eu ensino todos porque tenho conhecimento de todos. Eu ensinei bateria para o Maraca, Nelsinho e Fernando, que foram os melhores daqui.

Além de ensinar música, o senhor exercia outra atividade profissional?

Naquela época, que se podia aprender a profissão, eu trabalhei em oficinas de carpinteiro e marceneiro, com seu Luis Barros, perto da ESA, e com seu Chico Parente. Trabalhei muito tempo com várias pessoas exemplares nos seus serviços. Trabalhei também em lavanderia, como *office-boy*, fui *office-boy* do Banco da Lavoura, hoje Banco Real. Tocava em Cabarés e em todo lugar, participei em vários conjuntos do estado e da cidade, mas sempre quis o melhor na música, porque meu pai era apaixonado pela música. As duas coisas que ele amava, talvez ele gostasse mais que a família, eram a música e o Atlético (Tricordiano).

A Banda já recebeu prêmios? Qual foi a época que ela fez mais sucesso?

A banda tem muitos troféus, uma época eu recebi um troféu lá em Poços de Caldas como o maestro mais novo, eu tinha 32 anos. Tem um que a banda foi 2º lugar em Minas Gerais. A banda teve o auge comigo mais ou menos em 1975 a 1980, quando foi instituído o Mobral no Brasil. Ele fez reerguer ou aparecer muitas bandas de música, já que era feita uma espécie de concorrências, de concursos. Aquela época foi muito bonita, a gente foi em vários locais, a Prefeitura sempre ajudando. Em

**14 ORA!**



**Tocava em Cabarés e em todo lugar, participei em vários conjuntos do estado e da cidade, mas sempre quis o melhor na música, porque meu pai era apaixonado pela música. As duas coisas que ele amava, talvez ele gostasse mais que a família, eram a música e o Atlético**

---

80, nós recebemos da Funarte, e naquele local trabalhava nosso conterrâneo, Ubirajara Vasconcelos Valim, que fez muito pela banda. Ele conseguiu um cheque de cerca R\$ 2.600 para comprar instrumentos para nossa banda. Eu mesmo fui lá, fiz a compra e devolvi o troco.

Há quanto tempo a banda está neste prédio?

A banda já foi despejada até no Rinhadeiro, onde tinha rinha de galo, lá perto do estádio municipal. A banda se sujeitou até a isto para não morrer. Um prefeito que não me lembro bem que nos colocou aqui, neste prédio estamos há quase 30 anos.

Sua esposa também sabe tocar algum instrumento?

Antigamente no meu tempo não tinha este negócio de namorar, era escondido. A minha esposa era da roça, mas tinha família aqui e nos encontramos escondido até meu pai deixar. Mas toda a festa ela vinha como namorada, depois pedi ela em casamento e agora em 2 de junho de 2012, fizemos 49 anos de casados. Ela teve tentando aprender



Tico-tico nos recebendo na sede da banda música, mas não deu em nada não. Nós tivemos três filhos, seis netos e um bisneto.

Algum filho ou neto seguiu a profissão de músico?

Eu tenho filhos, netos e bisnetos que fazem parte da geração. Meu filho e neta são músicos formados, meu filho Edmilson Archanjo leciona em Pouso Alegre e na Unincor. Minha neta, Larissa Archanjo de Oliveira, dá aula de música na faculdade daqui.

Atualmente a Banda Rioverdense se apresenta em quais datas?

Antigamente, quando não era cidade praticamente, a banda tocava em qualquer inauguração, fazia uma inauguração de uma praça, a banda tocava, tinha uma festa em algum lugar ou alguém morria a banda tocava. Agora ficamos restritos a estas apresentações de Semana Santa e 23 de setembro e vamos esperar o ano que vem para tocar de novo.

É verdade que a banda tocava nos enterros?

Era comum tocar nos enterros porque a cidade era pequena, todo mundo se conhecia. Outra coisa muito interessante, meu pai tocava nestas festas que tem hoje em São Bento e São Thomé, então meu pai conseguia tudo para tocar uma semana nestes locais, sem ter prejuízo pra ele. Então nós saíamos daqui sexta-feira, daqui a São Thomé das Letras nós gastávamos quatro horas de caminhão. O veículo emperrava no pé da Serra, nós tínhamos que descer e empurrar o caminhão. Nós ficávamos nestes locais uma semana inteira tocando em procissões e leilões. 🌀

Por Alaine Gláucia

# Eleições do tempo dos jagunços



Márcia contando histórias de Faturinha

“Eu botei meu cachorrinho no carro e fui pela rodovia procurando o tal do Moçambo. Cheguei lá, perguntava pra um: ‘O senhor conhece o Zequinha Fatura?’ ‘Não senhora, nunca ouvi falá!’ Aí eles falavam assim: ‘como é que ele é?’ Eu falei assim: ‘é um velho!’ Eles falavam: ‘Ah, a senhora ta falando do velho! O velho mora ali!’” Este é talvez o trecho mais marcante da conversa que a memorialista e escritora Márcia Lemos da Fonseca teve conosco, quando recebeu a recente visita do Museu da Oralidade em sua fazenda. Ela contava sobre quando conheceu o jagunço Zequinha Fatura, que no acervo de causos da cultura popular tricordiana também atende pela alcunha de Faturinha. O encontro, acontecido numa simplória venda de beira de estrada rural, chegava depois de uma busca empreendida durante meses, ainda na década de 1980, quando Márcia iniciava uma pesquisa que levaria meses e vasculharia os cafundós da política sul-mineira.

Aquela venda de portas de madeira carcomidas por cupins, chão poeirento, telhado sem forro, teias de aranha pelos cantos e levemente iluminada por uma penumbra que vazava pelas frestas das

poucas janelas foi visitada por Márcia por algumas dezenas de vezes. Enquanto ganhava a confiança daquele velho, ela conversava sobre os parentes distantes, alguns já falecidos, com os quais Faturinha havia convivido nos tempos em que prestava serviço aos fazendeiros de Três Corações. “Mas a senhora 'tá precisando do quê?”, indagou o curioso jagunço aposentado, após alguns dias de conversa regados a refrigerante quente sabor laranja. “Eu queria escrever sobre sua vida”, cravou a entrevistadora, para surpresa do entrevistado. Dali seguiram algumas negociações, até que Faturinha topou a empreitada, certificado que estava de que os crimes por ele praticados já haviam sido prescritos.

As histórias que Faturinha contavam foram sendo anotadas a lápis por Márcia, que em seguida voltava para casa e organizava as ideias. Falavam sobre a época em que os coronéis criadores de gado e café andavam armados pela rua, quando ter pistoleiros contratados era sinal de status. Depois de reescrever tudo, com direito a alguns floreios literários, a escritora retornava e conferia com o narrador a veracidade os acontecidos. Humilde e analfabeto, Zequinha virou a cabeça para baixo nos tempos em que as eleições não eram lá tão civilizadas quanto na era da urna eletrônica. Tudo graças à tramoia política em que se viu envolvido, quando, a mando de caciques locais, executou o jornalista João Toledo em pleno centro da cidade. Aquele homicídio desnorteou os aconchavos partidários da época. O jagunço, ainda jovem, pensava estar matando em agrado ao patrão, quando, na verdade, fortalecia exatamente os adversários, que o tinham levado na conversa. O fato o transformou no maior vilão da paróquia e o obrigou a se exilar no sertão de Goiás, de onde só retornou depois de algumas décadas.

Estas e outras histórias foram reunidas no livro *Passagem do agreste*, editado em 1987, que vale não só como um registro histórico de Três Corações, mas também como provocação sobre as eleições na cidade. O livro está em fase de reedição, em que mais um capítulo deve ser acrescentado. 🌀

## UM LUGAR COTA



José Lúcio em frente à capela que construiu

# "Aqui é a terra dos bambus"

No centro da Cota, comunidade rural cercada de montanhas, cursos d'água e bambuzais entre Três Corações e Cambuquira, um singelo barracão guarda uma história que mistura conhecimentos tradicionais à religiosidade. Fica no quintal de seu José Lúcio, antigo morador da localidade, a capela que batizou de Rainha da Paz, construída com bambu-mossô doado por um fazendeiro da redondeza. “O padre benzeu esse barracão no dia da inauguração, aí nós começamos a rezar aqui. O padre falou que a igreja tinha que ficar no meio da comunidade”, lembra o morador.

José Lúcio tem afinidade com o artesanato de bambu. Desde que se entende por gente começou a produzir balaios, cercas, forros de carro de boi, peneiras e vários outros artefatos com a planta, abundante na região. “Aqui parece que é a terra dos bambus. Tem lugar que o povo tem terreno grande só cercado de bambu”, comenta. A planta exige uma série de técnicas tradicionais, transmitidas pela tradição oral, que envolvem desde a colheita ao trato das varas.

Foi por causa da resistência e da durabilidade que ele optou por fazer a capela com o bambu mossô, espécie originária da Malásia que produz troncos grandes e fortes. “Quando ele tá maduro mesmo ele quebra até machado, é mais duro que um cerne de



No alto, imagens no pequeno altar da capela. Logo acima, o artesão José Lúcio

eucalipto”, avalia o especialista. Ao observar de perto, porém, pode-se observar que algumas das toras que formam as paredes chegaram a trincar ou formar pequenos buracos de caruncho. O motivo, segundo José Lúcio, é que algumas delas foram colhidas ainda verdes, facilitando o trabalho das pragas.

No entanto, a estrutura tem bom estado de conservação, exceto pelos bancos, que José Lúcio programa trocar por novos, também feitos de bambu. “Eu chamava a turminha e aqui enchia de gente. Mas agora os banquinho ‘tão ruim e fica ruim de mulher com criança vir aqui rezar em pé”, avalia. Pequenos desconfortos à parte, a capela continua sendo local de prática da fé de seu José Lúcio, hoje aposentado do trabalho com bambu por conta de problemas de visão. “O padre benzeu isso aqui e eu considero uma igreja verdadeira. Desde quando montou isso aqui eu rezo o terço toda primeira sexta-feira do mês. Eu não falho um mês sem rezar aqui”, conta. 🌀

**20 ORA!**

# GUIA CULTURAL

DICAS, SERVIÇOS E ATRATIVOS

## ESPAÇOS CULTURAIS

### Três Corações

Biblioteca Pública de Três Corações - Praça Odilon Resende de Andrade, Centro - (35) 3691-1085

Casa da Cultura Godofredo Rangel - Praça Coronel José Martins, 45, Três Corações - (35) 3691-1086

Espaço Cultural Duque de Caxias - também conhecido como Museu da ESA (Escola de Sargentos das Armas). Aberto de segunda a segunda. Av. Sete de Setembro, 628, Três Corações. (35) 3239-4000.

### Sul de Minas

Cineclube Benedita - exibição gratuita de filmes quintas-feiras, às 19h. Av. Virgílio de Melo Franco, 481. Centro, Cambuquira. (35) 3251-3534

Amanhãgua - Promove projetos de reflorestamento e educação ambiental. Rua Félix dos Santos, 3123, bairro Lavrinha, Baependi. [www.amanhagua.org](http://www.amanhagua.org)

## SERVIÇOS, CURSOS E OFICINAS

Casa do Violão - Oferece cursos, concertos e ajustes em instrumentos. Rua Aureliano Martins de Andrade, 135, Centro, Três Corações. 8881-9391.

#Vamossairdecasa - grupo que reúne opções de lazer e entretenimento em Três Corações pela rede social Facebook.

Ritmo Natural - atividades, passeios guiados, expedições, trilhas, rapel, escaladas e cursos na área de ecoturismo em São Thomé das Letras e região. [www.ritmonatural.com.br](http://www.ritmonatural.com.br). 9197-6116

Toque no Brasil - reúne músicos, artistas, fãs e produtores culturais para a promoção de shows e circulação de bandas pelo Brasil. [tnb.art.br](http://tnb.art.br)

## ARTISTAS E ARTESÃOS

Danisa Chaves - arte decorativa e utensílios. 8419-1541 - [danisachaves@yahoo.com.br](mailto:danisachaves@yahoo.com.br)

Lara Vichiatto - pintura em óleo sobre tela. 8419-7273

Maria Helena Dias - fotógrafa profissional. 9183-7732 - [mhdiasfotografia@gmail.com](mailto:mhdiasfotografia@gmail.com)

Participe desta coluna. Envie indicações de cursos e serviços para [ora@viraminas.org.br](mailto:ora@viraminas.org.br)

# As eleição



*Hoje o papo é séro e carece é de atenção  
causo que já lá vem vesprano a casião das eleição  
Aí principiô o furdunço: quem tinha cara de jagunço  
hoje é sorriso inté na oreia, abraço e aperto de mão.*

*E os disparate das fofocação?  
é uns falando dos outro e os outro falando do um  
muié feia cramano pras cumadi:  
\_ Hoje esse aí me deu inté um beijo  
mas antesmente das eleição, nem tchum.*

*Isturdia me indagáro se eu num ia candidatá  
\_Eu tô fora meu cumpadi, esse trem pra mim não dá.  
Tem que tê muita pacença de lidá com as desavença  
tolerá maledicênça, mixirico e tendepá.*

*Óia só as ingrisia que os candidato tem que guentá:  
dá gorjeta pra desocupado que se diz cabo eleitorá  
tolerá bafo pôdi de pinguço e subaquêra de mué feia  
ensebamento de gente ruim, pô arruda atrais da oreia  
batizá minino cagão de famia desconhecida  
atolerá falastrice de caboco farso e pidão  
usá lata de goiabada pra tomá sopa amanhecida  
Pagá caxão de difunto alheio inda guentá a choração*

*Ficá refém da língua do povo e ganhá fama de ladrão  
Subi em palanque de comício pra iscuitá embruição  
Dá jogo de camisa pra timinho sem vergonha  
Inda sê farsamente acusado, por uns de sê tarado  
e por outros de mordê as fronha.*

*Mas uma coisa é fato e nós tem que alembrá  
não é só político que é farso, o povo tem mudá  
se comprá voto é desonesto e vendê o que será?  
Tem muito político bão, não vamo generalizá.*

*Mas óia que numa pesquisa feita lá no estrangêro  
os político brasileiro tá em premero lugá  
e de todos os político que tem no mundo intero  
o Brasil tem os mió que o dinheiro pode comprá.*

*É daí pra pió.*



EMPRESÁRIO TRICORDIANO

# chegou a sua vez de fazer a diferença



PROJETOS LEITURA NO  
ÔNIBUS, REVISTA ORA! E  
CHICO CICA: APROVADOS  
NA LEI DE INCENTIVO

Com a Lei de Incentivo à Cultura, o empresariado local pode deixar na cidade o ICMS que iria para o Governo. Basta, para isso, destinar seu imposto a um dos projetos aprovados para o ano de 2012. Venha à Viraminas e conheça como funciona o mecanismo. Sua empresa, os artistas e a cidade saem ganhando.

**INFORMAÇÕES: (35) 3231-2690**



ICMS - MG  
**Lei Estadual  
de Incentivo  
à Cultura**  
CULTURA/FAZENDA



**GOVERNO  
DE MINAS**

CULTURA